



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A BUSCA PELO IMATERIAL COMO PARTE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE
ROSÁLIO, PERSONAGEM DO LIVRO *O VOO DA GUARÁ VERMELHA*, DE MARIA
VALÉRIA REZENDE

Anna Paula dos Santos Maia

Rio de Janeiro
2023

ANNA PAULA DOS SANTOS MAIA

A BUSCA PELO IMATERIAL COMO PARTE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE
ROSÁLIO, PERSONAGEM DO LIVRO *O VOO DA GUARÁ VERMELHA*, DE MARIA
VALÉRIA REZENDE

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Letras na habilitação
Português/Japonês.

Orientador: Profa. Dra. Anélia Montechiari Pietrani

Rio de Janeiro
2023

CIP - Catalogação na Publicação

M217b Maia, Anna Paula dos Santos
 A busca pelo imaterial como parte da construção
 identitária de Rosálio, personagem do livro 'O voo
 da guará vermelha', de Maria Valéria Rezende / Anna
 Paula dos Santos Maia. -- Rio de Janeiro, 2023.
 32 f.

 Orientador: Anélia Montechiari Pietrani.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
 de Letras, Bacharel em Letras: Português - Japonês,
 2023.

 1. Maria Valéria Rezende. 2. Identidade. 3.
 Memória. 4. Sertão. 5. Contagem de histórias. I.
 Pietrani, Anélia Montechiari, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

ANNA PAULA DOS SANTOS MAIA

DRE: 118.058.898

A BUSCA PELO IMATERIAL COMO PARTE DA CONSTRUÇÃO
IDENTITÁRIA DE ROSÁLIO, PERSONAGEM DO LIVRO *O VOO DA
GUARÁ VERMELHA*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Letras na
habilitação Português-Japonês

Data de avaliação: 20/07/2023

Banca Examinadora:



NOTA: 10,0

Nome completo do Orientador – Presidente da Banca Examinadora
Profª. Drª. Anélia Montechiari Pietrani UFRJ



NOTA: 10,0

Nome completo da Leitora Crítica
Profª. Drª. Maria Lucia Guimarães de Faria, UFRJ

MÉDIA: 10,0

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai (*in memoriam*), pessoa com quem só pude viver durante onze anos da minha vida, mas que me ensinou o que é ter o amor mais incondicional do mundo. Tenho certeza de que onde quer que esteja você está torcendo por mim.

À minha mãe, por ser pai e mãe ao mesmo tempo, por me ensinar a persistir e por acreditar em mim e nos meus sonhos. Você é exemplo de força e coragem, obrigada por me apoiar em todos os momentos.

À minha avó, meu padrinho, meus tios e tias que, de alguma forma, me apoiaram a entrar na Faculdade e persistir nos meus estudos.

Ao meu namorado, Victor, meu companheiro de vida, meu melhor amigo, pessoa mais teimosa que eu conheço e também a que mais está ao meu lado. Você é, e foi, nesses últimos quatro anos, luz na minha vida. Sempre serei grata por sua presença ter tornado tudo tão mais bonito.

À minha melhor amiga, Tainá, pessoa que esteve comigo nos momentos mais difíceis da minha vida e que permanece ao meu lado até hoje. Nossa amizade de mais de dez anos foi o que me fez chegar até aqui, porque, sem você, eu provavelmente teria desistido no meio do caminho.

Aos amigos que me acolheram no início da faculdade, Ayla, Bruno, Lucca e Tayanna. Obrigada pelas risadas, pelos momentos de desabafo, pelo choro na aula depois de um dia difícil e pelas palavras de conforto que tanto me ajudaram.

Aos meus amigos de Japonês, pessoas incríveis que surgiram na minha vida e que me fizeram acreditar que a faculdade pode ser mais do que um diploma. Sem vocês, os *kaiwa* e os eventos na Escola Modelo não teriam graça. Uma menção especial ao Douglas, amigo que mais me acompanhou nos surtos do fim da graduação, e à Ingrid, colega de turma que virou vizinha e uma das minhas melhores amigas. Obrigada por me apoiar tanto.

À minha eterna professora de Japonês, Rika Hagino, por ser a pessoa que mais acreditou em mim durante a graduação. Obrigada pelas lições, principalmente as de vida, que nunca irei esquecer. Você é meu maior exemplo de inspiração de quem eu quero ser no futuro.

À minha orientadora, Anélia Pietrani, pelas aulas valiosíssimas de Temas e Problemas e Literatura Brasileira II, além de me acolher, mesmo com as minhas confusões de graduanda, nas duas vezes em que surgiu com temas completamente diferentes para a monografia. Ah, e também por me apresentar a escritora incrível que é Maria Valéria Rezende.

RESUMO

MAIA, Anna Paula dos Santos. **A busca pelo imaterial como parte da construção identitária de Rosálio, personagem do livro ‘O voo da guará vermelha’, de Maria Valéria Rezende.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português e Japonês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023

A partir de uma leitura interpretativa, o presente trabalho busca analisar a trajetória de Rosálio, personagem do livro *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, dividida nesta pesquisa em quatro capítulos: primeiro, na formação de memórias autobiográficas e memórias familiares do protagonista; segundo, na escolha de um nome próprio; terceiro, na compreensão da contagem de histórias como forma de explicar e reescrever a própria vida; e quarto, na busca pelo letramento como a concretização de seu sonho inicial. O objetivo fundamental dessa divisão é considerar cada etapa do percurso do personagem uma peça integrante da construção de sua identidade, de modo a associar as experiências adquiridas a um processo constante de autoconsciência e reconstrução.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Valéria Rezende; memória; identidade; sertão; contagem de histórias.

ABSTRACT

MAIA, Anna Paula dos Santos. **A busca pelo imaterial como parte da construção identitária de Rosálio, personagem do livro ‘O voo da guará vermelha’, de Maria Valéria Rezende.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português e Japonês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023

Through an interpretative reading, the present work aims at analysing the path of Rosálio, a character from the book 'O voo da guará vermelha' by Maria Valéria Rezende, which in this research is broken into four chapters: first, on the formation of the main character's autobiographical and family memories; second, on the choice of a given name; third, on the understanding of storytelling as a way to explain and rewrite someone's own life; and last, on the search for literacy as a mean to fulfill the character's original dream. The main goal of this division is to consider each step of the character's path as an integral piece on the construction of their identity, doing so by relating acquired experiences to a constant process of self-consciousness and reconstruction.

KEYWORDS: Maria Valéria Rezende; memória; identidade; sertão; contagem de histórias.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. ESCRITORA DOS INVISÍVEIS	11
2. AUSÊNCIA DE RAÍZES É AUSÊNCIA DE MEMÓRIA	13
3. (RE)NOMEAR PARA SE (RE)CONHECER.....	17
4. CONTAR E RECONTAR PARA PERMANECER NA HISTÓRIA.....	21
4.1 OS SERTÕES ESCONDIDOS NAS RACHADURAS DO MUNDO	21
4.2 NARRATIVAS MIGRANTES.....	24
5. O LETRAMENTO COMO A BUSCA PELO IMATERIAL.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

INTRODUÇÃO

A partir de uma leitura interpretativa, este trabalho busca analisar a trajetória de Rosálio, protagonista masculino do livro *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, a fim de compreender como os episódios vividos pelo personagem influenciaram a sua construção identitária ao longo da narrativa, além de tentar entender como a busca pelo letramento se tornou motor de partida para a saída de sua terra natal em direção a um mundo desconhecido.

A princípio, o tema do “imaterial” foi escolhido por conta da própria caracterização do protagonista: órfão, esquecido socialmente, desde o começo de sua vida se deparou com sensação de não pertencimento ao seu lugar de origem. Com isso, a preocupação com o ato de possuir coisas materiais nunca foi importante, e seu foco acabou se voltando para uma busca por aquilo que não se pode comprar. Desse modo, decidiu-se dividir essa busca em quatro capítulos que exploram o comportamento de Rosálio nesse percurso.

No capítulo “Ausência de raízes é ausência de memória”, o *locus* temático é a infância do protagonista, momento em que se depara com sua condição de órfão e passa a entender as consequências da ausência de uma família. Sobre isso, decidimos utilizar os conceitos de Gomes (2013), no que diz respeito à relação entre a formação das memórias autobiográficas e familiares, e de Barbosa e Reis (2010), que discutem o impacto da presença da família na construção da identidade de uma criança. Em seguida, também citamos Torres (2022) para discorrer sobre as heranças imateriais adquiridas através de Bugre, personagem que se apropria do papel de pai de Rosálio.

No capítulo “(Re)nomear para se (re)conhecer”, debateremos a presença de significados implícitos no nome de Rosálio como forma de representação da própria identidade (BARBOSA; REIS, 2022). Com isso, tentamos trazer as possíveis motivações que teriam levado o protagonista a decidir por esse nome, assim como as implicações dessa escolha na sua trajetória.

Já o capítulo “Contar e recontar para permanecer na história” divide-se em duas partes: a primeira, intitulada “Os sertões escondidos nas rachaduras do mundo”, faz referência a um comentário de Maria Valéria Rezende, em que ela diz querer mostrar, por meio de sua escrita, todos esses sertões escondidos. Dessa forma, mediante a leitura dos artigos de Amado (1995) e Vicentini (1998), levantamos um panorama das conceituações existentes de “sertão”, além da inserção do termo na literatura dita regionalista, identificando em que posição Rosálio, como personagem, se situa dentro dessa discussão. A segunda parte, intitulada “Narrativas migrantes”, envolve as narrativas que são contadas por Rosálio após ele sair de sua terra natal e se deslocar para lugares totalmente desconhecidos. Nessa trama, ele vivencia as mazelas de um homem

invisível, e enfrenta a escravidão, a vida no garimpo e em outros subempregos, mas também conhece pessoas boas que o ensinam a ser um verdadeiro contador de histórias.

O último capítulo se intitula “O letramento como a busca pelo imaterial”, e procura resumir como o protagonista consegue, finalmente, aprender a ler e escrever. O encontro com Irene gera uma conexão que muda não só a vida de Rosálio, mas também da própria Irene. Segundo Piaceski (2017), a protagonista feminina é uma educadora tecelã que, enquanto tece as histórias narradas por Rosálio no papel, ensina o homem com os retalhos de palavras que se costuram a outras palavras, dando vida ao que é contado.

1. ESCRITORA DOS INVISÍVEIS

Maria Valéria Rezende, autora de *O voo da guará vermelha*, nasceu em Santos (SP), no dia 8 de dezembro de 1942, e moldou sua trajetória como freira, missionária, pedagoga, educadora e escritora. Ainda jovem, entrou para a Congregação de Nossa Senhora - Cônegas de Santo Agostinho, localizada na mesma cidade em que nascera. Inicialmente, se dedicou à educação popular nas periferias de São Paulo e, no decorrer da vida, viajou para diversos países a fim de popularizar esse viés da educação defendido pela filosofia freiriana. Em 1972, migrou para o Nordeste, percorrendo lugares como Pernambuco e Paraíba, onde reside até hoje. Atualmente, vive com outras freiras – ou irmãs, como as chama – em João Pessoa, e passa seus dias escrevendo e tendo uma rotina bem agitada e movimentada com os amigos que frequentam a Congregação.

Dona do Prêmio Jabuti de 2009 e do Prêmio Casa de Las Américas de 2017 pelo livro *Outros Cantos*, começou a publicar seus primeiros livros beirando os 60 anos de idade. No vídeo “Flip | Maria Valéria Rezende”, disponibilizado pelo canal Petrobrás no Youtube, Maria Valéria diz que a sua literatura é um testemunho do que ela vê. Assim, a temática de seus livros abrange questões sociais, questões relacionadas à identidade e pertencimento, memória e política, visando sempre falar do mundo daqueles que ela pôde ver, mas muitos não veem. Apesar de receber o título de “escritora regionalista”, a escritora relata não se enxergar dessa forma, pois o termo parece reduzir sua escrita a uma luz centrada no Nordeste, enquanto, na verdade, os “sertões” e os “invisíveis” estão muito além de estarem localizados apenas nesse eixo regional. Numa entrevista realizada pela *Revista Crioula*, a autora diz:

Eu prefiro dizer que escrevo sobre os invisíveis. Porque não é a mesma coisa que marginalizados. Muitas vezes, as pessoas não estão à margem, estão perfeitamente inseridas dentro de um sistema, sendo úteis ao sistema e exploradas por ele; mas são invisíveis. Ninguém quer saber qual é a vida deles, ninguém quer ouvir o que eles têm a dizer. Penso sempre nos empregados domésticos das grandes famílias milionárias do Brasil. Eles são invisíveis. Você mal os vê nas novelas e na própria televisão, são quase invisíveis, você só vê o uniforme. Eu gosto mais de dizer: sou em parte uma escritora da invisibilidade. (PIACESKI, 2019, p. 259)

No artigo “Resgatando identidades por meio da literatura: uma análise das personagens Rosálio e Irene em *O voo da guará vermelha*”, Sylvestre (2014), ao tratar da função humanizadora da literatura e subalternidade, cita:

Spivak (2012) define como excluído aquele cuja voz não pode ser ouvida, precisando da voz de outrem para reivindicar uma posição no mundo. De acordo com a autora, não se pode falar pelo subalterno, entretanto pode-se criar espaços para que ele lute contra a sua condição e se articule para ser ouvido. (SYLVESTRE, 2014, p. 19)

Pode-se dizer que é a partir dessa visão que Maria Valéria Rezende constrói não só o mundo literário de seus livros, mas também um espaço em que aqueles que não conseguem falar possam ser ouvidos, ou ao menos representados através dos personagens de suas narrativas, cuja caracterização não é gratuita, visto que todos são baseados nas vivências de pessoas invisibilizadas com quem teve contato, e em outras experiências da autora pelo mundo.

2. AUSÊNCIA DE RAÍZES É AUSÊNCIA DE MEMÓRIA

A trajetória de Rosálio se inicia na Grota dos Crioulos, um lugar localizado bem no pé de uma serra sem nome, habitado por pessoas negras, antes escravas, que fugiram e fizeram daquele lugar uma comunidade. Assim como a serra, Rosálio – que só passa a se chamar dessa forma no decorrer dos anos – também não possuía um nome, especialmente um que lhe fora dado por seus pais. Não sabia quase nada sobre a história de seus genitores, e acabou sendo criado exclusivamente por sua avó e pelas pessoas da vizinhança.

Quando criança, era chamado de “pequeno”, mas logo virou “Nem-ninguém”, pois, quando ele chorava pedindo por mais comida, sua avó prontamente dizia: “e vosmecê é nem ninguém pra comer mais do que os outros?” (REZENDE, 2014, p. 22). Na narrativa, não fica evidente o nível de profundidade da relação entre avó e neto, mas se infere que não existia laço emocional forte entre ambos ou sequer uma cultura de compartilhamento de memória familiares.

Como mencionado, Rosálio sabia muito pouco sobre sua família, visto que os moradores da Grota evitavam até mesmo pronunciar o nome da mãe de Rosálio, uma mulher considerada uma das mais belas do local, mas que cometera suicídio pouco tempo depois de dar a luz ao menino, após uma desilusão amorosa com o suposto pai “estrangeiro” do protagonista. Diferente dos demais moradores da comunidade, Rosálio nasceu com a pele mais clara e os olhos verdes, denunciando que o seu desconhecido pai era alguém que não morava naquele lugar.

Pensar sobre o início da vida do protagonista é também pensar sobre como as memórias familiares – ou a ausência delas – impactam diretamente nas memórias autobiográficas de Rosálio e em como ele se enxerga, inicialmente, dentro daquela comunidade. A memória autobiográfica, frequentemente referida como memória individual – embora haja pesquisadores que argumentem que qualquer memória é, na verdade, coletiva - pode ser definida como uma memória de acontecimentos e fatos da própria vida (CONWAY, 1990, 2005; CONWAY; PLEYDELL-PEARCE, 2000; RUBIN, 1986; PILLEMER, 1998 apud GOMES, 2013). Essa memória possui um papel essencial na formação e manutenção da identidade pessoal, uma vez que esse tipo de memória auxilia o indivíduo a construir uma narrativa contínua e coerente de si.

Além disso, como estamos abordando a questão familiar na trajetória inicial da vida do protagonista, é importante ressaltar que toda memória autobiográfica é, em parte, moldada e influenciada pela memória familiar, já que memórias autobiográficas são construídas “a partir da interação do indivíduo e o meio social envolvente” (GOMES, 2013), sendo a família considerada o primeiro meio social do ser humano. Segundo Barbosa e Reis (2010), numa

pesquisa sobre o papel da família na constituição da identidade na infância, “[...] é na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele. É a ferramenta da nossa primeira identidade social. Ela é o primeiro ‘nós’ a quem aprendemos a nos referir” (REIS in LANE, 2006 apud BARBOSA e REIS, 2010). Logo, podemos afirmar que a família tem um papel primordial na construção da identidade e do senso de pertencimento a uma comunidade.

Retornando ao tópico sobre a infância de Rosálio, tem-se nela um menino que ainda não tem consciência sobre sua história e nem sobre si. Seus dias na Grota eram rodeados pelo mato verde, pelo rio, pelos animais e plantas que descobria durante suas aventuras de criança. Foi só crescendo que, na tentativa de compreender mais sobre ele mesmo, teve coragem de perguntar sobre a história de sua família que, conseqüentemente, também era a sua própria história.

Essa história me contaram quando eu cresci, me fiz homem, tive coragem de perguntar e de ouvir a resposta, que eu de mim mesmo nada podia saber. Enquanto eu era pequeno, não sabia que era triste a minha vida, não imaginava outra e por isso não podia saber da minha desgraça. Pois a desgraça é assim, se a gente não sabe nem fala que ela está ali presente, ela quase não existe e já depois que se disse ainda é preciso tempo, contar tudo muitas vezes, pra poder pegar o jeito de se sentir infeliz. (REZENDE, 2021, p. 24)

Construir-se a partir da ausência, buscar se firmar num terreno sem ter raízes e desenvolver suas próprias memórias, esses seriam os maiores desafios enfrentados por Rosálio ao conhecer, finalmente, sua “desgraça”. Na tese de Torres (2022), intitulada *A memória em Maria Valéria Rezende: do Bios à palavra*, a autora busca trabalhar com o conceito de memória nos estudos contemporâneos e como ela é projetada nos romances de Maria Valéria Rezende. No que se refere ao capítulo em que aprofunda sua pesquisa sobre a construção dos personagens nesses livros, em especial *Quarenta dias* e *O voo da guará vermelha*, Torres (2022) pontua que “o que chama a atenção é que todas as personagens fazem de suas memórias o cenário da experiência e a partir dele constroem-se. O elo que conecta as narrativas entre si, mas também com o leitor é a memória” (TORRES, 2022, p. 121). Da mesma forma, Rosálio, ao adquirir as memórias sobre seu passado, busca ressignificá-las, mas não antes de conhecer Bugre, personagem que mudaria totalmente o rumo de sua vida.

Depois de mais crescidinho, eu peguei a ir bem longe, que nem cabrito sem peia, menino pagão que eu era, não sentia frio, sem ninguém chamar por mim, sem ninguém de mim dar falta. Foi assim que um dia eu achei, caído numa quebrada, um homem desconhecido, pele quase igual à minha, cabelo liso e comprido, a barba grande, enredada, trajado com roupa estranha, sarapintada das cores que a gente encontra no mato, que quase passei sem ver o homem desacordado, agarrado nesta caixa que ainda

tenho comigo, uma mochila rasgada, um facão e uma espingarda. (REZENDE, 2014, p. 31)

Bugre foi um homem encontrado desacordado por Rosálio no meio do mato onde costumava andar. O jovem, percebendo que o desconhecido estava doente, cuidou dele durante muitos dias sem contar nada a ninguém, e fez daquilo seu segredo. Com o tempo, o homem foi melhorando e começou a perguntar diversas coisas relacionadas ao lugar onde estavam, e Rosálio sempre gostou muito de poder contar como tudo era na Grotta. Não demorou para que Bugre conhecesse os outros moradores da comunidade, que inicialmente estranharam, mas logo se acostumaram com a presença do novo morador. Assim, “pro povo lá da Grotta, ficou tudo como sempre, como se o desconhecido fizesse parte da gente mas, pra mim, dali prá frente, ficou tudo diferente, minha vida virou minha, tomou rumo próprio e certo, apontou pra um outro mundo” (REZENDE, 2014, p. 32).

Agora, não mais importava tanto o passado para o protagonista, visto que, com Bugre, sua vida “apontou pra um outro mundo”. E esse mundo foi construído pouco a pouco através da literatura, de modo que a conexão gerada pela contagem de histórias fez com que Rosálio passasse a enxergar em Bugre a figura de um pai, o pai que nunca conheceu, mas que sabia ser, também, um estrangeiro. Então, pensando em Bugre como o pai que o protagonista nunca teve, podemos dizer que suas memórias familiares foram tardiamente desenvolvidas sob essa nova perspectiva parental e, com isso, questões antes não pensadas passaram a ser objeto de questionamento e ressignificação para Rosálio, como a sensação de não pertencimento à Grotta e a ausência de raízes naquele lugar.

Achei minha história triste, essa aí, que me contaram e, depois de ouvir as coisas que o Bugre me revelou, eu ficava matutando pra encontrar outro modo de contar a minha vida, a que já tinha passado e o resto que ainda vinha, e foi assim que inventei que o pai que eu não conhecia, que vinha de outras terras e me deu pele mestiça, me fazia diferente de todo o povo da Grotta, que só à Grotta pertencia e tinha ali raiz funda impossível de arrancar, eu não, eu era dali mas também de qualquer parte por onde meu pai andasse, tinha a pele misturada das cores de toda a gente[...]. (REZENDE, 2014, p. 24)

No decorrer do livro, conseguimos visualizar que esse primeiro contato com a literatura, apresentada tanto na forma oral – com histórias de vida de Bugre – quanto na forma escrita – com as histórias dos livros que ficavam guardados na caixa de Bugre –, foi o ponto de partida para que Rosálio quisesse aprender cada vez mais sobre o mundo, incluindo o aprendizado da leitura e da escrita. Apesar do contato frequente com diversos tipos de narrativas, essas histórias eram sempre transmitidas oralmente, e mesmo que Rosálio folheasse os livros e tentasse

entender o que estava escrito naquelas páginas, o seu esforço era em vão. Ainda assim, foi essa vontade, esse sentimento de esperança que se instalou e cresceu no protagonista, impulsionando-o a nunca esquecer o que mais o movia naquele mundo. Dentro de si, tinha o pensamento de que “nesta vida a coisa que eu mais queria era aprender a ler livros, que quando o Bugre morresse e eu fosse um pouco maior ia sair pelo mundo por mor de aprender a ler, porque ali na nossa Grota ninguém podia ensinar” (REZENDE, 2014, p. 49).

Retomando a questão da parentalidade atribuída a Bugre, podemos, também, trazer o conceito de herança familiar para o que foi herdado por Rosálio através da relação pai-filho gerada. Torres (2022) enxerga o baú repassado para o protagonista como uma metáfora, “uma vez que a herança recebida foi a possibilidade de conhecimento, mas um conhecimento que até então não podia ser usufruído por não encontrar ninguém que pudesse realizar a leitura do texto” (TORRES, 2022, p.138), e continua dizendo que “ainda que não pudesse usufruir da sua riqueza, preserva-a como um amuleto, que o dá esperança” (TORRES, 2022, p.138).

De fato, a herança material mais visível que permanece presente com Rosálio durante toda a sua trajetória é o baú, contendo os livros que sempre desejou conseguir ler desde o primeiro contato com Bugre. No entanto, outras três heranças imateriais foram transmitidas para o protagonista: primeiro, seu terceiro nome, “Curumim”, a que ele deu “muito valor porque foi dado pelo homem que eu queria ter por pai[...]” (REZENDE, 2014, p. 38); segundo, conectando-se com a metáfora do baú, a eterna vontade de aprender a ler e a escrever, que acaba se configurando como uma forma de resistência meio a uma realidade que o invisibilizava; e, por fim, a contagem de histórias, pois, assim como Bugre contava histórias da vida, Rosálio também queria sair pelo mundo contando e recontando suas próprias histórias, criando e reinventando tudo o que presenciava em suas vivências. Somente assim sentia que conseguiria reescrever seu novo mundo.

Depois que morreu o Bugre, fiquei morando sozinho na tapera que era dele e o pouco que possuía passou a ser minha herança que todos podiam ver e achavam que estava certo, eu sendo um filho sem pai e ele um homem sem filho, porém a parte mais rica do que o Bugre me deixou era coisa diferente, riqueza que só se guarda por meio de repartir porque história a gente esquece se não contar a ninguém. Só quando eu contava histórias, em cada boca de noite, é que minh'alma aquietava, se não o desassossego tomava conta de mim[...]. (REZENDE, 2021, p. 49-50)

3. (RE)NOMEAR PARA SE (RE)CONHECER

Mesmo com a morte de Bugre, o protagonista continuou buscando caminhos para que pudesse aprender a ler e a escrever. A primeira possibilidade de realizar esse desejo chegou em forma de notícia através de João das Mulas, que trazia um papel dizendo que a prefeitura havia ordenado que aquela comunidade se preparasse para receber uma professora que iria viver ali e ensinar a todas as crianças. Depois do aviso, Rosálio foi o que mais se animou, mal conseguia dormir pensando em como seria conseguir realizar seu sonho, passava o dia ajudando a construir o local que viria a ser chamado, finalmente, de “escola”.

Após a chegada da professora, tendo passado três dias para que ela pudesse se assentar no local, todos foram chamados para o processo de matrícula das crianças da Grotta. E com a expectativa de se matricular, veio, imediatamente, a frustração:

Até que chegou a hora de se matricular na escola a criançada da Grotta, pai ou mãe se apresentasse pra dar os nomes dos filhos. Ouvi isso, embatuei, que eu não tinha pai nem mãe, nem ninguém que me cuidasse, que a avó já estava caduca, já não dava fé de nada e, a bem dizer, eu não tinha nem um nome que prestasse pra se escrever num caderno, Nem-ninguém ou Curumim, nunca ouvi falar de santo que tivesse um nome assim. (REZENDE, 2014, p. 52)

Apesar de compreender a infelicidade de não ter uma família ou um nome, Rosálio ainda não tinha sentido, até o momento, o impacto em questões burocráticas de não possuir um pai, uma mãe, ou mesmo Bugre, e nem um nome que diferisse dos apelidos que recebia de outras pessoas. Todas as outras crianças do lugar possuíam nome e família, uns eram “da Conceição”, outros “dos Santos”, sobrando somente Rosálio que, de tanta vergonha, nem chegou a entrar na escola com medo de se apresentar à professora e ser colocado para fora. Triste, ferido, se afastou de todos durante alguns dias, mas logo retornou, pois o desejo de aprender e ver a professora era mais forte. Então, deu um jeito de se pendurar num abacateiro e olhar a sala de aula pela janela, mas só conseguia aprender a cantar a música do bê-á-bá como os outros, já que não podia enxergar as letras do quadro por conta da distância. Ou seja, o esforço de tentar ler era, mais uma vez, assim como as vezes em que folheava os livros de Bugre, em vão.

Os dias da professora de nome Rosália naquela comunidade duraram pouco, tempo insuficiente para que as crianças conseguissem aprender a ler ou sequer escrever. Entretanto, mesmo que Rosálio não tivesse conseguido alcançar seu sonho, depois daquela experiência, ele não era mais a mesma pessoa, “[...] já não era Nem-ninguém, já não era Curumim[...]” (REZENDE, 2014, p. 55). Assim, na primeira oportunidade que teve, numa madrugada, encontrou com João das Mulas e pediu que o levasse mundo afora:

João das Mulas ficou mudo, parado, olhando pro chão, ciscando com um pé na terra, cismando meu pedido, e eu, aflito, esperando o que ele havia de dizer, até que me olhou com jeito de quem tem pena e me disse, **“como é que vosmecê vai pro mundo se vosmecê nem nome tem?”**, então eu disse que tinha um nome tão bom como o de qualquer pessoa, **Rosálio da Conceição**, que me apareceu na boca sem eu ter pensado nunca, nome bom, nome bonito, Rosálio, nome de gente que sabe ler e escrever[...]. (REZENDE, 2014, p. 57 - grifo nosso)

Durante a apresentação do seminário que deu origem a este trabalho, tentamos refletir sobre o motivo da escolha do nome Rosálio pelo personagem e, também, pela própria autora do livro. Inicialmente, a perspectiva escolhida para ser trabalhada foi a de observar o protagonista como uma pessoa sem raízes, sem nada que o fixasse no seu lugar de origem, referenciando, desse modo, uma rosa que não está mais fixada na roseira, por isso o nome “Rosálio”, com o radical “rosa”. A segunda reflexão, mais nítida na narrativa, foi a de associar puramente ao nome de sua primeira professora, Rosália, pensando num “nome de gente que sabe ler e escrever”. Agora, a nova proposta é de pensar o nome Rosálio, também, como uma referência ao teor religioso que acompanha a história do protagonista desde a narrativa de seu nascimento. Nesse sentido, Rosálio, então, referenciaria o “Rosário”, termo utilizado pelos católicos para se referir a um tipo de reza feita no meio cristão.

De que forma essa relação com o divino afeta a construção identitária de Rosálio? A princípio, a primeira menção ao divino no livro ocorre num momento em que o protagonista está contando a história acerca do seu local de origem, as Pedras do Pecador, que ficava acima da Grotta dos Crioulos. Diziam que aquele lugar era chamado daquela forma porque um homem, alertado pelo Arcanjo Miguel, empurrou pedra por pedra para cima da serra a fim de se redimir de seus inúmeros pecados. Logo, pode-se dizer que o surgimento do local era bastante conhecido por esse episódio sagrado.

É importante ressaltar que foi nesta mesma serra em que a mãe de Rosálio cometera suicídio, jogando-se do alto das pedras, de modo que a segunda menção feita possui relação direta com esse incidente. Sobre isso, o protagonista diz:

Eu era ninguém porque de meu pai não se sabia e minha mãe não me quis, logo que me pariu nem esperou passar o resguardo, quando parou de sangrar e teve força pra subir até as Pedras do Pecador, de lá de cima se jogou serra abaixo pra dar fim à vida, **me deixando solto e pagão neste mundo**. (REZENDE, 2014, p. 22 - grifo nosso)

O termo “pagão” passou a ser utilizado por volta do século IV pelos cristãos para designar as pessoas que não seguiam a cultura monoteísta e nem as Sagradas Escrituras. Enquanto a maior parte da população das cidades já era adepta do cristianismo, as pessoas que

viviam no meio rural eram mais ligadas a elementos e rituais relacionados à natureza e, como consequência, suas religiões e/ou filosofias também se relacionavam com isso. Assim, quando Rosálio utiliza a palavra “pagão” para se autodenominar dessa forma, nota-se que o faz em momentos em que ele fala sobre o seu dia a dia na Grota, como no trecho “Depois de mais crescidinho, eu peguei a ir bem longe que nem cabrito sem peia, menino pagão que eu era, comendo fruta do mato, dormindo só, no sereno, sem ninguém de mim dar falta” (REZENDE, 2014, p. 31), de forma a explicitar a ausência de cuidado que possuíam com ele. Ou ainda em momentos conectados, de alguma forma, com o seu lado “religioso”, como no fragmento “Nasci sem nome, como a serra que me guardava, porque nunca tive pai que me chamasse e não havia padre que me batizasse” (REZENDE, 2014, p. 22). Nesse caso, o processo do batismo pode se referir tanto ao ato de dar um nome a uma criança quanto ao ritual de consagração da vida dela.

Além disso, no momento em que se depara com a matrícula na escola, Rosálio faz questão de afirmar que nunca ouviu falar de nenhum santo chamado “Nem-ninguém” ou “Curumim”. Logo, percebe-se que a preocupação com a santidade transborda e vai de encontro com os apelidos que costumava receber.

O episódio que vem concretizar essa busca pela santidade é o momento em que o protagonista vê, pela primeira vez, a professora Rosália chegando à vila, cena em que a descreve como “[...] amontoada numa mula, faiscando como se fosse de ouro cada vez que dava o sol” (REZENDE, 2014, p. 51), comparando-a com a própria “Virgem da Conceição carregada num andor” (REZENDE, 2014, p. 51). “Virgem da Conceição” é um nome alternativo para Virgem Maria, tradicionalmente tida como mãe de Jesus na doutrina cristã. Além disso, “Conceição” significa concepção, fecundação. Essa comparação possibilita-nos enxergar a professora como um sinônimo do caminho para a salvação. De que maneira Rosália auxiliaria nesse processo de salvação? Levando o conhecimento das palavras para a Grota e, conseqüentemente, para o protagonista.

Como mencionado no início deste capítulo, após o encontro com a professora, sua vida não era mais a mesma. Foi nessas circunstâncias que decidiu pelo nome “Rosálio da Conceição”, com o primeiro nome sendo capaz de referenciar tudo o que foi analisado nos parágrafos acima, e o segundo nome utilizado como forma de reforçar seu caráter divino, representando não só a Virgem da Conceição, mas também a “concepção” de um novo Rosálio.

Barbosa e Reis (2010), observando a problemática do nome como uma representação da identidade, enfatizam:

Como uma representação, o primeiro nome é o que nos diferencia dos outros membros da família enquanto que o sobrenome é o que nos agrupa a ela, nos diferenciando ao mesmo tempo em que nos iguala. A questão do nome diz respeito à sociedade em que se nomeia (status social, local de origem, religiosidade), e **a questão da identidade não é puramente descritiva, mas sim compreensiva, pois há na nomeação significados implícitos**. Por isso, na identidade está refletida a sociedade. É o singular que materializa o universal. (BARBOSA e REIS, 2010, p. 4 - grifo nosso)

Dessa forma, o trecho reitera a existência dos significados implícitos do nome Rosário que foram destrinchados ao longo do capítulo, e também os associa com a questão da identidade em construção do protagonista que, de certa maneira, reflete todo o contexto que ele vivencia até a decisão por seu novo nome.

4. CONTAR E RECONTAR PARA PERMANECER NA HISTÓRIA

As histórias que vêm sendo descritas neste trabalho integram uma coletânea das histórias de vida que fazem parte da trajetória de Rosálio, mas que só são contadas, posteriormente, quando ele conhece Irene, protagonista feminina do romance. A relação gerada entre os dois é uma relação com base na troca mútua de experiências vivenciadas pelos personagens, na qual Rosálio oferece as narrativas e Irene devolve-as demonstrando como elas seriam escritas no papel, de modo a possibilitar ao protagonista, depois de tanta busca, a primeira oportunidade concreta de aprender a ler e escrever.

Quando Rosálio narra suas histórias de vida para Irene, ele está tendo, pela primeira vez, a chance de ser realmente ouvido, de modo que o leitor, ao ler o livro, precisa se questionar sobre o que está sendo lido e compreender os significados e sentidos atribuídos a essas histórias. Sobre isso, Alves (2017) afirma:

Ao utilizar a narrativa como procedimento para o estudo do processo de identidade e defini-la como método de investigação e análise o objetivo posto consiste em identificar os significados da história narrada e os sentidos atribuídos pelo narrador e isso ocorre, segundo Habermas (1987) através de um movimento dialético estabelecido entre a interpretação dos textos e o contexto sociocultural em que se produziu a fala. (ALVES, 2017, p. 38)

Como mencionado na introdução deste trabalho, o objetivo principal é associar elementos da trajetória de Rosálio ao processo de construção da sua identidade. Alves (2017), citando Habermas (1987), diz que, para entender esse processo, é necessário estabelecer um diálogo entre as narrativas autobiográficas e o contexto sociocultural em que estão inseridas. Com isso, precisamos, também, situar onde o protagonista se encontra nesse contexto.

4.1 OS SERTÕES ESCONDIDOS NAS RACHADURAS DO MUNDO

Rosálio é um homem órfão que se deslocou de um interior rural para a cidade e, nesse movimento, precisou viver diversas situações historicamente típicas de pessoas que, geralmente, tentam sair do sertão para conseguir uma vida diferente nas grandes cidades. Dentre as situações, a que mais se destaca é a “exploração de trabalhadores migrantes absorvidos pelo subemprego e capturados pelo trabalho em condições análogas à escravidão” (SANT’ANA, 2020, p. 19). Nesse sentido, evidenciar isso na narrativa faz parte do trabalho de Maria Valéria Rezende em tentar mostrar aquilo que ela viu, mas que muitos não conseguem ver. Inclusive, no artigo de Piaceski (2019), a autora faz questão de reiterar uma frase que define a visão de Maria Valéria:

“Há sertões escondidos em todas as rachaduras do mundo, nos avessos de todas as cidades. Quero que meus livros mostrem esses sertões escondidos” (PIACESKI, 2019, p. 259).

Historicamente, já foram adotadas muitas conceituações para os “sertões”. No artigo “Região, sertão, nação”, Amado (1995) busca compilar essas conceituações divididas em quatro categorias: espacial, pensamento social, construída durante a colonização e cultural. Como categoria espacial, o sertão é pensado, imediatamente, como região intrínseca ao Nordeste brasileiro, mas também pode se referir aos “interiores” de diversos estados do Brasil, como Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Amazonas e tantos outros. Além disso, “sertão”, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Física e Estatística (IBGE), “designa oficialmente uma das subáreas nordestinas, árida e pobre, situada a oeste das duas outras, a saber: ‘agreste’ e ‘zona da mata’” (AMADO, 1995, p. 145).

Como categoria do pensamento social, o termo “sertão” é utilizado desde o século XVI pelos viajantes que visitavam o Brasil e realizavam descrições sobre algumas regiões do país. Mais adiante, por volta do século XVII, “sertão” também aparece nos primeiros esforços de compilar a história do Brasil, exemplificados pela obra *História do Brasil*, de frei Vicente do Salvador. Ainda, no século XX, historiadores como Euclides da Cunha (1954) e Sérgio Buarque de Holanda (1957 e 1986) trabalharam o tema de diferentes formas, de forma que “‘sertão’ constituiu, desde cedo, [...] uma categoria de entendimento do Brasil” (AMADO, 1995, p. 146).

Como categoria construída durante a colonização, “sertão”, inicialmente, era utilizado como um termo que denominava espaços vastos, distantes e pouco conhecidos, reforçando a visão colonialista, em que o que estava longe e mal explorado era visto de forma negativa. O local, por ser estranho aos portugueses, também era tido como perigoso, habitado “por bárbaros, hereges, infiéis, onde não haviam chegado as benesses da religião, da civilização e da cultura” (AMADO, 1995, p. 149). Sobre essa categoria, Vicentini (1998) acrescenta:

Assim, a partir dessa ótica de colonização é que o sertão se estrutura, tanto nos seus conceitos básicos quanto na sua efetivação dentro da literatura, para a qual valeu também, durante todo o seu tempo, **essa ótica de colonizador – o ponto de vista distanciado, que enxerga o próximo como um outro desconhecido e impenetrável, rude, iletrado, que vive num mundo desordenado, fora da lei**, porque ordenado, conhecido, civilizado e letrado é o mundo de quem enxerga a totalidade, de quem conquista e não se deixa conquistar, um mundo que enxerga e fala pelo colonizado. (VICENTINI, 1998, p. 46 - grifo nosso)

Por fim, como categoria cultural, o “sertão” está presente na literatura, pintura, teatro, cinema, música e televisão, e seu caráter essencialmente brasileiro é evidenciado através desses meios variados, que se enraizaram na história do Brasil. O meio que mais chama atenção de

Amado (1995) é o literário, e argumenta que “[...] grande parte da denominada ‘literatura regionalista’ tem o sertão como *locus*, ou se refere diretamente a ele” (AMADO, 1995, p. 146). Por último, finaliza dizendo que “a literatura brasileira povoou os variados sertões que construiu com personagens colossais, poderosos símbolos, narrativas míticas, marcando com eles forte, funda e definitivamente o imaginário brasileiro” (AMADO, 1995, p. 146).

Se, por um lado, Amado (1995) ressalta as características marcantes dessa literatura regionalista que faz parte do “sertão” visto como uma categoria cultural, Vicentini (1998) faz questão de trazer à tona questões que parecem esbarrar com o pensamento de Maria Valéria Rezende sobre esse tipo de literatura, já difundido neste trabalho. No artigo “O sertão e a literatura”, Vicentini (1998) afirma que “[...] a literatura regionalista trabalha sempre a um passo da estereotipia da paisagem, da personagem e da ação, da reprodução da linguagem, seguindo de perto o imaginário que se encontra pronto” (VICENTINI, 1998, p. 42), e continua dizendo que “[...] caso contrário, não consegue se identificar como região, ou como sertão” (VICENTINI, 1998, p. 42). Outro problema levantado pela autora seria o fato de os sertanejos não possuírem voz própria em boa parte dessas narrativas, sendo constantemente interpretados pelo outro, por aquele que vem de fora, pelo homem da cidade, fazendo com que a voz original do sertão não seja ouvida. No entanto, Vicentini (1998) não ignora a importância do personagem Riobaldo em *Grande sertão: veredas*:

Guimarães Rosa não reproduz a voz do sertanejo, mas cede a palavra a ele, mantendo-se só como presença simbólica, sem voz de homem da cidade, escutando uma narrativa de um homem sertanejo seu igual. Ele não passa, no livro, de um doutor da cidade. (VICENTINI, 1998, p. 47)

Dentre as características de *O voo da guará vermelha*, uma das que mais chamou a atenção dos alunos durante a apresentação do trabalho que deu origem a esta monografia, foi o modo como Rosálio consegue se expressar, contando e recontando suas próprias histórias e sentimentos, utilizando sua voz para tomar as iniciativas narrativas. No livro, não há ninguém que fale pelo protagonista. É a quebra do estereótipo do “sertanejo” rude, inculto, que precisa de um homem da cidade que tome as rédeas e aja como o narrador do outro. Essa qualidade do romance de Maria Valéria Rezende também se conecta com a questão da exterioridade, trazida também por Vicentini (1998), que a relaciona como elemento que colabora na fundação do imaginário do sertão. A autora diz que “Há uma intimidade do sertão que não se desvelou ainda. Há uma psicologia do homem sertanejo que permanece em total obscuridade” (VICENTINI, 1998, p. 47), e finaliza afirmando que “O nosso imaginário quase nunca pergunta pelo que vai

na cabeça do sertanejo; mas o distingue profundamente nos seus traços característicos” (VICENTINI, 1998, p. 48).

É importante ressaltar que o artigo de Vicentini foi disponibilizado em 1998 e, após essa publicação, diversos outros livros que abordam o sertão de formas distintas foram lançados, incluindo o romance que este trabalho analisa. Sobre isso, pode-se dizer que Maria Valéria Rezende conseguiu perpassar o elemento da exterioridade, trazendo aprofundamento para os seus personagens e apresentando os “sertões escondidos” que pretendia mostrar.

4.2 NARRATIVAS MIGRANTES

Retornando ao tópico dos significados implícitos nas narrativas contadas por Rosálio, faz-se necessário entender como a construção do protagonista é moldada em torno das histórias vivenciadas e recontadas ao longo da trama.

A primeira história que sucede a saída de Rosálio da Grota é a do encontro com João dos Ais, homem que ele conhece após fugir do caminhão que o transportava para um lugar desconhecido. Depois de andar a madrugada inteira no meio do mato, começou a ouvir, muito distante, um canto “que mais parecia um choro, de tão doído que era” (REZENDE, 2014, p. 62), e logo passou a se aproximar dessa voz. A voz era de João dos Ais, escultor que passou a ser chamado dessa forma após ter sido abandonado diversas vezes por sua amada Floripes, mulher que sempre o trocava por outro homem apelidado Beto do Fole, mas nunca deixava de retornar para casa passado um tempo, e justamente nos momentos em que se encontrava mais debilitada e maltratada. Cada vez que Floripes sumia, era um “ai” a mais que João dos Ais entoava na viola.

Quando Rosálio conheceu João, sua cabeça ainda era muito inocente sobre as angústias da vida, fato que é ressaltado pelo próprio João no trecho “João me disse que eu tinha um coração inocente e que eu já podia aprender a lição da vida dele” (REZENDE, 2014, p. 64), lição que consistia em ouvir versos de “dor e alegria, de amor, desejo e saudade, tudo junto, embaralhado [...]” (REZENDE, 2014, p. 64). No entanto, mais do que aprender sobre os sentimentos, Rosálio queria conhecer mais a história de João, entender como o homem conseguia criar aqueles versos, porque isso, de certa forma, estava associado à vontade do protagonista de sair pelo mundo contando, também, as suas próprias histórias.

Pedi que me contasse a história de sua vida inteirinha, palavra atrás de palavra, que eu via que aqueles versos não nasciam da viola, vinham das veias, do corpo de quem sabia o que era gozar e sofrer de amor por ter vivido ele mesmo, não por ouvir contar por outra pessoa. (REZENDE, 2014, p. 71)

A segunda história é introduzida a partir do instante em que Rosálio se despede de João dos Ais e parte numa jornada que se inicia na frase “quem está a fim de trabalhar?”, pronunciada por um homem gordo que conduzia um caminhão. Nesse episódio, Rosálio foi conquistado pelas inúmeras oportunidades prometidas pelo desconhecido, como a chance de ter um emprego excelente, mas o melhor mesmo seria a possibilidade de aprender a ler e escrever. Firmado o contrato, Rosálio subiu no carro e partiu.

Foi só no meio da viagem que percebeu o problema no qual havia se metido. Sentia fome, sede, vontade de urinar, e mesmo que chamasse, ninguém o escutava, pois junto dele estavam mais cem homens dividindo o mesmo espaço na carroceria. Desacordado, não percebeu quantos dias havia passado ou sequer onde estava, só entendeu que estava numa espécie de inferno na terra quando um homem chamado Coxo, carregando duas calibres doze cruzadas nas costas, o sacudiu e o acordou.

O lugar onde estava era descrito como o fim do mundo: “um lamaçal recortado no meio da mata virgem, um barracão de madeira, só uma porta, sem janela, dentro pra mais de cem redes que já nem tinham mais cor de tão sebosa que estavam [...]” (REZENDE, 2014, p. 86). Foi nesse local que Rosálio se deparou, pela primeira vez, com a escravidão velada, uma vez declarada extinta, mas presente até os dias atuais. Segundo uma notícia do site Agência Brasil, em informação divulgada pelo Ministério do Trabalho e Emprego, só em 2023, 523 vítimas de trabalho análogo à escravidão foram resgatadas. Normalmente, esse tipo de prática é caracterizado pelas péssimas condições sanitárias dos alojamentos destinados aos trabalhadores reféns, bem como pela ausência de remuneração pelo serviço prestado e pela restrição da liberdade das pessoas de deixarem o local.

Dessa forma, pode-se perceber que foi exatamente isso que aconteceu com o protagonista. Na narrativa, ele revela que “todo dia era trabalho forçado, do mesmo jeito, nem sábado nem domingo, nem reza nem brincadeira, nem professora nem aula de história e filosofia [...]” (REZENDE, 2014, p. 87). Também acrescenta que, uma vez, passados trinta dias naquele lugar, tentou se apresentar ao Coxo e pedir o dinheiro pelo trabalho realizado, que logo ele iria embora dali. Imediatamente três homens o cercaram apontando armas para seu peito, e o direito de partir foi-lhe negado.

Pela primeira vez, Rosálio se deparava com a crueldade sofrida por aqueles que saem de sua terra natal cheios de sonhos, mas encontram um caminho de pobreza e exclusão:

Era fome, era tristeza, mosquito, cobra e doença como eu nunca tinha visto, vi gente desvariando, vi gente morrer de febre, vi gente querer matar seu amigo, seu irmão, por uma colher de arroz, vi gente se envenenando com fruta desconhecida, vi gente

que enlouqueceu e fugiu só, pela mata, trazido no dia seguinte, pelos cachorros do Coxo, como um molambo de sangue, estraçalhado por fera, que forçavam a gente a olhar, carregar e enterrar, não por respeito com o morto, só pra nos apavorar. (REZENDE, 2014, p. 88)

Numa noite, exausto de todo esse sofrimento, consegue fugir da escravidão. Nessa fuga, sem ter para onde ir, acaba sendo encontrado por quatro homens armados que diziam poder ajudar Rosálio a se tornar um garimpeiro assim como eles. Como não tinha outro caminho que pudesse seguir, o protagonista os acompanha e, depois de alguns dias, passa a conhecer as mazelas do garimpo.

Com desemprego e o aumento da precarização do trabalho formal no Brasil nos últimos anos, diversos trabalhadores passaram a ver nos subempregos uma oportunidade de mudar de vida. Atraídos pela promessa de dinheiro “fácil”, muitos caem nessas armadilhas, sendo umas delas o garimpo. Mesmo Rosálio, que já havia vivido um período de escravidão, acreditava que o garimpo poderia ser “um lugar diferente onde se encontrava ouro sem carecer de cavar[...]” (REZENDE, 2014, p. 116), além de pensar que “ia viver num lugar todo dourado, que a terra fosse amarela e que brilhasse no sol[...]” (REZENDE, 2014, p. 116). No entanto, o cenário com o qual se depara é a de homens “[...] brigando por qualquer coisa, por cachaça, por mulher, por um lugar no barranco quando se abrisse o garimpo, matando por palavra oca ou até por desenfado” (REZENDE, 2014, p. 116).

As semelhanças com a realidade não param por aí: a narrativa mostra também a corrupção dos oficiais que fiscalizavam o trabalho do garimpo, a degradação do meio ambiente com o “[...] rio envenenado que não havia peixe nenhum[...]” (REZENDE, 2014, p. 118) e a degradação das próprias pessoas que trabalhavam no local. Sobre o último, Maria Flora, mulher que conheceu Rosálio no garimpo, depois de testemunhar a morte de seu marido por uma pepita de ouro, afirmava: “o garimpo é doença ruim que agarra no coração e na mente da pessoa e ela nunca mais se livra[...]” (REZENDE, 2014, p. 119).

Foi Maria Flora quem abriu os olhos de Rosálio para que ele saísse daquela situação, pois temia que o jovem menino, que mal tinha vinte anos na época, perdesse o juízo e pegasse a “doença” do garimpo. Além disso, a mulher também o ajudou financeiramente a fim de que deixasse de vez aquele lugar, dando-lhe um pouco de ouro para que vendesse, comprasse uma passagem de avião e vivesse uma nova vida.

Por fim, uma das últimas histórias que faz parte dessa série de narrativas é a de quando Rosálio aprende a como contar histórias que prendem e cativam outras pessoas. Essa habilidade foi adquirida através de seu amigo Gaguinho, homem gago que trabalhava numa espécie de

serviço de “mata-ratos” e que, no tempo livre, gostava de narrar histórias. Um dia, esse homem ergueu uma casa no morro e foi morar bem no alto da favela, pois, segundo ele, apesar do esforço de subir e descer inúmeras escadas todo dia, o lugar era fresco e possuía uma vista muito boa para o mar. Nessa casa, decidiu também construir uma varanda espaçosa, e foi nessa construção que Gaguinho conheceu e contratou Rosálio para ajudar com a obra.

Certa vez, durante uma festa, a fim de entreter os convidados, Gaguinho “pôs-se no meio da roda, começou a contar casos, verdadeiros ou inventados, ninguém sabia dizer, de aventuras e de aperto que passava um funcionário do serviço mata-rato” (REZENDE, 2014, p. 105). O pessoal ria, se divertia e pedia mais.

Aquilo virou costume. Todo sábado e domingo se juntava muita gente no terreiro, bem em frente do terraço, lá no alto. Cada um vinha trazendo seu tamborete ou caixote pra se sentar e Gaguinho, trepado em sua varanda que nem se fosse um palanque, soltava a papagaiada por quase umas duas horas. O povo não se cansava e Gaguinho só parava quando o dia escurecia, porque ele mesmo cansava. (REZENDE, 2014, p. 106)

A presença de Gaguinho na vida do protagonista foi essencial para que ele compreendesse o jeito de contar histórias, utilizando-se, principalmente, da memória e criatividade, desde a coerência entre os fatos até o modo de gesticular para entreter o público. Nesse sentido, é importante perceber que o ato de contar histórias não se fundamenta no ser ou não ser letrado. Para Gomes (2013), a capacidade de contar uma história surge no momento em que o indivíduo “toma consciência de si enquanto ser que existe como ser único” (DAMÁSIO, 1999 apud GOMES, 2013, p. 4). Todas as experiências vividas por Rosálio o capacitaram para criar uma autoconsciência que o possibilitou a se conhecer mais, entender seus sentimentos e pensamentos, além de o guiar na arte de narrar.

5. O LETRAMENTO COMO A BUSCA PELO IMATERIAL

Cada canto percorrido por Rosálio foi atingido por sua incessante vontade de aprender a ler e escrever. Ainda assim, durante o caminho, o protagonista só encontrou portas fechadas, falsas oportunidades e a sensação de que nunca alcançaria o seu objetivo. Depois de tanto caminhar, acabou numa cidade “[...] sem cor, os edifícios proibindo qualquer horizonte, um pesado teto cinzento e baixo [...], chapa de nuvens de chumbo que não se movem [...]” (REZENDE, 2014, p. 9). Nesse meio acromático, “Rosálio nem consegue evocar histórias que o façam saltar para outras vidas, porque seus olhos não encontram cores com que pintá-las[...]” (REZENDE, 2014, p. 9-10).

É o encontro com Irene que possibilita, enfim, sua experiência com o letramento. Prostituta, soropositiva, uma mulher invisível socialmente, mas que um dia teve a oportunidade de ir para a escola e aprender a ler e escrever. Não tinha perspectiva do presente e muito menos do futuro, pois a ela só importava atender alguns clientes, conseguir uns centavos e levar o dinheiro “à velha e ao menino”.

Assim como Rosálio resgata Irene desse destino através da narração de suas histórias, é Irene quem resgata Rosálio da “fome de alma, fome de palavras, de sentimentos e de gentes”. Para o protagonista, a mulher é sua guará-vermelha que, no livro, simboliza ressurreição, esperança e resistência. Na entrevista para a *Revista Crioula*, Maria Valéria Rezende esclarece:

Eu usei Guará Vermelha porque, para mim, que sou santista, o guará vermelho é como um símbolo de ressurreição. Quando eu era criança, havia guarás vermelhos nos mangues, ali onde está a Ilha de Santos e as outras ilhotas e braços de mar. São vários braços de mar sinuosos, e aquilo tudo é mangue. E ali era um dos habitats do Guará vermelho, em certas estações do ano. Quando fizeram a Siderúrgica e refinaria de petróleo no Cubatão aquilo envenenou tudo ali e os guarás vermelhos desapareceram. Depois houve todo um trabalho de despoluição ali, e os guarás vermelhos voltaram. Então, para mim, o guará vermelho foi como festa de ressurreição, uma coisa que era linda, que gostávamos de ver e íamos procurar, mas tinha desaparecido e voltou. Nasceu de novo. (PIACESKI, 2019, p. 263-264)

Os pesquisadores dos romances da autora costumam dizer que a história construída entre Irene e Rosálio pode ser comparada a uma espécie de *As mil e uma noites* às avessas, em que o protagonista masculino é a personagem Sherazade, responsável por cada noite narrar um conto ao sultão Shahriar que, n’*O voo da guará vermelha*, é representando pela protagonista feminina. Nesse sentido, Irene só ensinaria a Rosálio se o homem continuasse a se encontrar com ela e não parasse de contar os casos de sua vida.

É importante perceber como esse letramento vai sendo desenvolvido. Segundo Piaceski (2017), Irene é uma personagem tecelã que costura os fios narrativos da vida de Rosálio à

medida que vão sendo desenrolados pelo personagem. Dessa forma, o modo como a protagonista ensina as palavras também funciona como um tipo de costura, em que cada sílaba representa um retalho de tecido a ser bordado com outro:

[...] sozinho escreve ligeiro tudo aquilo que aprendeu, na “asa” descobre o “as”, junta ao “ro”, e vê nascer no papel virgem a rosa escondida no seu nome, a mulher ri provocando, “eita homem inteligente, descubra como é o ‘so’... agora junte com ‘va’, veja só no que vai dar”, ele junta e faz um vaso para combinar com a flor. (REZENDE, 2014, p. 69)

Além disso, a escolha das palavras utilizadas na prática do letramento não é aleatória, mas se dá por sua conexão com a realidade narrada por Rosálio. No contexto, elas ganham significação, e não se transformam “[...] em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante” (FREIRE, 2022). Nessa relação entre educadora e educando, o último não é apenas um recipiente a ser preenchido, mas sim um dos sujeitos tanto no ato de ensinar quanto no de aprender.

No fim da obra, Rosálio consegue alcançar seu objetivo, aprende a ler e escrever, e também se torna, oficialmente, um contador de histórias. Agora, ele consegue lutar pelos seus direitos, até vai ao sindicato, pois consegue entender todos os papéis e documentos que precisa levar.

Rosálio guarda os papéis que teve o gosto de ler, pensa em quanto sua vida tem mudado, ultimamente, pensa em como essa mulher teve paciência com ele, como soube lhe ensinar a coisa mais importante que ele buscava na vida sem nunca lhe pedir nada senão palavras e histórias que ele ardia por lhe dar[...]. (REZENDE, 2014, p. 154-153)

Assim, Rosálio concretiza sua busca pelo imaterial, que se denomina dessa forma porque, como o personagem afirmava, não carecia de nada que era de comprar. Todos os seus esforços sempre foram direcionados a sair mundo afora e se (re)construir como um novo homem, um Rosálio da Conceição, que tem autoridade e consciência para decidir por seu próprio nome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a investigar, objetivamente, os caminhos imateriais percorridos por Rosálio para que pudesse alcançar o objetivo do letramento. Nesse sentido, o imaterial pôde ser caracterizado de diversas formas ao longo da narrativa.

A princípio, o primeiro tópico a ser pensado como “imaterial” é a própria formação de memórias autobiográficas e familiares descritas no capítulo “Ausência de raízes é ausência de memórias”. Como o título reitera, não é possível estabelecer vínculos ou conexões sem as memórias, pois são elas que fundamentam a relação com o meio social e que contribuem com a construção da identidade do indivíduo. No mundo literário, Maria Valéria Rezende é bastante conhecida por utilizar a memória como recurso essencial da história de seus personagens.

O segundo “imaterial” diz respeito à criação do nome Rosálio, nome repleto de significados implícitos que, no fim, transparecem a essência e a história do protagonista com a questão da religiosidade. É interessante saber que, após a decisão definitiva por seu nome, momento que concretiza seu encontro com o divino, o personagem não se refere mais a si mesmo como pagão e, ao longo do romance, passa a dialogar mais com as divindades da religião, rezando ou pedindo orientação.

O terceiro “imaterial” que auxilia o protagonista nesse processo de busca por sua construção identitária se dá nas histórias que são narradas a partir das experiências que vivencia após sair de vez da Grota. Todo o processo de deslocamento é marcado por algum tipo de aprendizado que, sendo ou não cruel, ao ser recontado, Rosálio revive as memórias desses episódios e se reinventa.

Por fim, o último “imaterial”, e talvez o mais visível no romance, a busca pelo letramento, algo que alavancou o protagonista a partir rumo ao desconhecido. Foi o aprendizado do ato de ler e escrever que possibilitou Rosálio lutar pelos seus direitos, e resistir em um mundo em que o ser iletrado é considerado invisível. Com isso, o personagem concretiza, finalmente, a construção de sua identidade.

Pode-se dizer que Maria Valéria Rezende conseguiu construir o que almejava: um mundo em que as pessoas podem enxergar o que ela viu e que muitos não veem. Um mundo onde o invisível possui voz para falar de sua história por si próprio, e que consegue ser ouvido pelo outro. Um mundo em que a literatura é resistência e recontar é persistir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C. Narrativas de história de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade. **Textos e debates**, Boa Vista, n.31, p. 33-41, jan./jun. 2017.

AMADO, J. Região, sertão, nação. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.

BARBOSA, I.; REIS, F. O papel da família na constituição da identidade na infância: a perspectiva veiculada em livros e periódicos de Psicologia e a visão sócio-cultural dos vygotskyanos. In: **XVIII Simpósio de Estudos e Pesquisa da Faculdade de Educação**, Universidade Federal de Goiânia, Goiânia, 2010. v. único.

BOND, L. Em 2023, 523 vítimas de trabalho análogo à escravidão foram resgatadas. **Agência Brasil**, São Paulo, 07 mar. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-03/em-2023-523-vitimas-de-trabalho-analogo-escravidao-foram-resgatadas>. Acesso em: 04 jul. 2023.

Flip | Maria Valeria Rezende, 2015. 1 vídeo (1min 47seg). Publicado pelo canal Petrobrás. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z_K5xZaWDpY. Acesso em: 01 jul. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 84. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GOMES, C. Construção social da memória autobiográfica e Histórias de Vida. In: LOPES, Amélia *et al.* **Histórias de vida em educação: a construção do conhecimento a partir de Histórias de Vida**. Universidade de Barcelona, Barcelona, 2013. *E-book*. p. 186-194. Disponível em: <https://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/47252?mode=simple>. Acesso em: 30 maio 2023.

PIACESKI, D. P. Maria Valéria Rezende: colorindo invisíveis por meio da literatura. **Revista Crioula**, [S. l.], n. 24, p. 250-267, 2019.

_____, D. P. **Fios de roca e tramas sentimentais: personagens tecelãs em O Continente, Os Sinos da Agonia e O Voo da Guará Vermelha**. 2017. 167 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2017.

REZENDE, M. V. **O voo da guará vermelha**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014

SANT'ANA, R. C. **O sertão e a cidade no universo feminino de Maria Valéria Rezende**. Tese (Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2020.

SYLVESTRE, F. A. Resgatando identidades por meio da solidariedade e da literatura: uma análise das personagens Rosálio e Irene em *O voo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende. **Caligrama: Revista de Estudos Românicos**, v. 19, n. 1, p. 123-142, 2014.

VICENTINI, A. O sertão e a literatura. **Sociedade e Cultura**, 1(1): 41-54, jan./jun. 1998.